



## **A conversa como elemento constitutivo do fuxico narrativo: do banal à intencionalidade investigativa**

**Pedro Alves Castro, Dinah Vasconcellos Terra**

**Universidade Federal Fluminense**

**profpacastro@gmail.com**

### **TRABALHOS COMPLETOS – GT 01 – Etnicidades, Educação e Memória**

#### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo, analisar a conversa como elemento teórico-metodológico do fuxico narrativo. Metodologicamente, recorreremos ao ensaio teórico como possibilidade de apresentação de uma ideia, a partir das escolhas teóricas das/os autoras/es, mas com a presença das/os mesmas/os, através de reflexões e análises. O fuxico narrativo é uma opção metodológica para se trabalhar com narrativas, e estar sendo/é fruto de uma investigação de doutorado, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense (UFF). O fuxico narrativo tem como elementos: a conversa; a centralidade dos sujeitos; o fa(ser) investigação; as narrativas; as memórias; as experiências; a oralitura. Como elemento filosófico, o fuxico é pensado a partir da construção social do artesanato que leva o mesmo nome, e assume a desobediência epistêmica como princípio, recorrendo assim, a multirreferencialidade metodológica. Aqui, refletimos sobre a conversa, elemento que pela banalidade, usualmente não é pensado com possibilidade de encontro, formação e, principalmente, investigação. Refletiremos sobre conversas, e seu papel na construção do diálogo e da troca no cenário de uma investigação científica.

**Palavras-chave:** Intencionalidade investigativa. Conversa. Fuxico Narrativo.

**Submetido em:** 10/10/2025 | **Aceito em:** XX/XX/2024 (não preencher)

As pesquisas com narrativas veem se consolidando como uma possibilidade no campo da Educação. A escuta como instrumento e ação do pesquisador, deve estar atenta ao dito, aos questionamentos e argumentos. Todas/os sempre possuem algo a dizer, mas é a partir dessa escuta, que posteriormente teremos material para as análises e interpretações, no campo da investigação científica.

Na ciência moderna, a posição do pesquisador foi consolidada de maneira hierarquizada em relação aos sujeitos da pesquisa. Foi e ainda é, para alguns, essa



## XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



posição que valida o dito. Ao longo do tempo e a partir dos processos de desenvolvimento da ciência, essa percepção foi sendo modificada, principalmente, nas Ciências Humanas. Hoje, esse processo de escuta é feito de maneira sensível e com uma diretriz que não busca a validação do que o outro diz, mas sim, refletir/compreender/problematicar a partir do dito.

Considerando essas premissas, esse trabalho tem como objetivo analisar a conversa como elemento metodológico do fuxico narrativo, apontando algumas reflexões sobre a sua apropriação enquanto elemento teórico-metodológico. Questiono: é possível apropriarmos da conversa como elemento metodológico para a construção da pesquisa científica? Por ser tão banal, principal meio de comunicação entre as pessoas, muitas vezes não nos damos conta de que é a partir da mesma que construímos as relações, reflexões, problematizações e formações. Nos formamos pelas conversas que tecemos ao longo da vida, pela construção das relações através das mesmas e pelo exercício de escuta, que também exercitamos ao conversar.

Metodologicamente, assumimos o ensaio teórico (Meneghetti, 2011), que através da sua intencionalidade, objetiva apresentar um tema ou ideia, dialogando com referências e trazendo as reflexões das/os autoras/es. Nesse trabalho, organizamos as reflexões em duas sessões: a primeira, apresenta a ideia do fuxico narrativo, outra possibilidade de construção de relação com as narrativas; a segunda, traz para a centralidade do debate, a conversa, elemento constitutivo do fuxico narrativo, e principal meio para a construção de relação e captação das narrativas. Por fim, consideramos que a conversa deve ser considerada como um elemento metodológico potente, pois além de possibilitar a obtenção de informações para as investigações, também pode ser meio para a construção de uma relação formativa, a partir do dito e do compartilhamento das experiências.

**O fuxico narrativo: por outra relação com o dito**



O fuxico narrativo surgiu de uma busca por outra relação com o dito, no caso, as narrativas, durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado “Fuxicando com narrativas de professoras/es de Educação Física: currículos e a decolonialidade”, realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo era fuxicar as experiências, memórias, narrativas e decolonialidades dos currículos anunciados pelas/os professoras/es de Educação Física que atuam em escolas públicas, de diferentes regiões geográficas do Brasil. Para isso, realizamos sete conversas com oito professoras/es de Educação Física, de 4 regiões do Brasil<sup>1</sup> (Nordeste, Norte, Centro-oeste, Sudeste). Professoras/es com diferentes tempos de atuação, formação, lugar de atuação, enfim, um grupo totalmente heterogêneo, com o intuito de abarcar a diversidade da classe docente.

Após esses momentos e uma pergunta provocativa, feita por minha orientadora: “Como você vai analisar as narrativas?”, me coloquei em reflexão, já que em minha percepção, o exercício de análise poderia reafirmar as posições científicas, historicamente construídas. Ou seja, ao construir uma análise sobre as narrativas, eu poderia me colocar como um “validador” do que foi dito pelas/os participantes da investigação. Assim, a partir do questionamento feito, me coloquei em reflexão sobre o fazer investigação, e me baseando no Pensamento Decolonial, surgiu o fuxico narrativo.

O fuxico narrativo é um artefato de construção de relações e diálogos com as narrativas. Possui como pressuposto, a desobediência epistêmica, que de acordo com Mignolo (2019) é um ato de ruptura epistêmica e política, primordial para imaginar outras possibilidades para o conhecimento e a sociedade, para além dos padrões coloniais/capitalistas/neoliberais. Essa desobediência é pensada

<sup>1</sup> Todas/os professoras/es que participaram das conversas, tiveram como critério de inclusão, uma participação anterior, durante o tirocínio docente. O único participante da região sul, após o convite, pediu para se retirar por conta do início do seu doutorado.



## XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



junto às narrativas com o intuito de reconhecer e valorizar o dito, a intencionalidade é estabelecer um diálogo e uma flexibilidade, a partir do que o outro me diz, e como esse dito ressoa em minhas experiências e memórias, associando-se as minhas narrativas.

Sabemos que o fuxico no Brasil, também possui uma conotação de conversa, uma conversa clandestina. No período escravocrata do Brasil, as mulheres escravizadas se reuniam ao final do dia, e com os retalhos do tecido, considerado um artefato de luxo para a época, teciam pequenos círculos frangidos que se uniam e se transformavam em artesanias decorativas, chamados de fuxico. É a partir dessa artesanaria que repensei o meu fa(ser) investigação, repensando minha branquitude, mas principalmente, a maneira na qual iria/vou me formando pesquisador. Um fazer que forma o meu ser, deixo minhas marcas e sou marcado.

Assim, a partir da desobediência epistêmica e do Pensamento Decolonial, apresento o fuxico narrativo. O seu principal fundamento é a multirreferencialidade, que de acordo com Mignolo (2019) apresenta um horizonte de possibilidades. A multirreferencialidade é um exercício de busca e valorização do conhecimento, a partir de diversas fontes, referências e cosmovisões, estas que foram soterradas e marginalizadas durante e pela lógica colonial. A operacionalidade da multirreferencialidade acontece através do “diálogo inter-epistemológico” (Mignolo, 2019), que busca a quebra da hierarquização do conhecimento produzido no ocidente, estabelecido como universal. Assim, a desobediência epistêmica não se estabelece nela mesma, mas aponta um caminho para atingirmos a pluralidade epistêmica.

Assim, os elementos do fuxico narrativo são: a **centralidade dos sujeitos** na investigação, Sujeito que de acordo com Maldonado-Torres (2019) é um termo em disputa e que deve ser ocupado; o **fa(ser) pesquisa**, inspirado em Hissa (2017) que diz sobre o quanto nossos fazeres, faz quem somos; a **oralitura** (Martins, 2019), que busca a valorização da oralidade, mas também da própria literatura, e nessa



junção temos as composições dos seres; A **conversa** como metodologia de pesquisa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018), reafirmando a possibilidade do diálogo e da troca horizontal; a **experiência** (Krenak, 2022), que é entendida a partir da singularidade da experiência, referindo-se ao sujeito que a vive, e o contexto de experimentação, referindo-se ao contexto social dos sujeitos; a **memória**, a partir da ideia coletiva da mesma (Walsh, 2017), logo, a memória deve ser pensada a partir da coletividade, podendo apontar traços antepassados, pelos quais poderemos compreender o que foi pensado e vivido em um passado breve, e o quanto elas ressoam no imaginário coletivo; e a **narrativa em três dimensões** (Prado, Soligo, Simas, 2023), necessitamos pensar a narrativa em três espaços: como fonte de dados para o desenvolvimento da investigação, como registro reflexivo de toda a trajetória da investigação, e como modo de produção do conhecimento.

Por fim, com o manuseio e encontro desses elementos, no papel, o fuxico narrativo apresenta as narrativas em sua inteireza, separadas pelas temáticas que a regem, e tecendo um diálogo com duas outras fontes narrativas: as referências bibliográficas e as narrativas do percurso formativo do pesquisador, suas experiências e memórias. Ainda no papel, escolhemos a demarcação da autoria narrativa das/os participantes da investigação, com a grafia em *itálico*, no intuito de destacar as suas falas e as reflexões que surgiram a partir das temáticas. Por fim, o fuxico narrativo, assim como, o fuxico artesanato, é feito de retomadas, de idas e vindas narrativas, em exercícios/movimentos de diálogos e encontros.

O fuxico narrativo se propõe ao diálogo, a partir dos sujeitos que narram: participantes da investigação, pesquisadora/r e as referências bibliográficas. Assim como, conseguimos visualizar no artesanato, um equilíbrio e circularidade, o que denota uma quebra das hierarquizações, ao tecermos o fuxico narrativo, faz-se necessário a busca pelo compartilhando do espaço da escrita. No papel, o revezamento entre essas três narrativas deve se apresentar em diálogo e de



maneira equânime, movimentos que carecem de experimentações e desprendimento do que nos foi ensinado.

### A conversa: banalidade e intencionalidade investigativa

Tudo aquilo que fazemos em nosso dia a dia, repetidamente, acaba sendo por nós, banalizado. A mais simples atividade diária em nossos lares, a rotina do trabalho, dentre outros fazeres, por conta da repetição acaba sendo algo banal, corriqueiro. No entanto, diante de tal banalidade, caímos em contradição, pois mesmo com essas ações rotineiras, por meio da nossa racionalidade, conseguimos imprimir nas coisas e ações, sentidos e significados, e a partir deles construímos o mundo e a nós mesmos.

Apostar na conversa como metodologia de pesquisa é um reencontro com Freire (2009), que sempre anunciou o diálogo como princípio para a compreensão do mundo e do próprio homem. Quando conversamos compartilhamos o espaço do diálogo, em um exercício de sobreposição, entre o falar e o escutar. Por sua vez, o próprio ato de compartilhamento possibilita e convida à reflexão, a experiência do outro sempre tocará a nossa, e assim, a partir das experiências, damos um passo além da nossa individualidade, da nossa singularidade.

Skiliar (2018) aponta que a conversa não tem tema específico, ela conflui a partir da entrega. A sobreposição acontece, as ideias fluem, há sempre espaço para um outro assunto, e até mesmo à deriva, anunciada por um “Do que estávamos conversando mesmo?”. É através da conversa que estabelecemos com o outro as relações, distanciamentos, aproximações, identificações. Nos formamos com o outro, e a partir da linguagem que conseguimos expressar os significados e valores que nos pautam enquanto pessoas.

Na pesquisa, convencionalmente, recorremos as entrevistas, seria uma audácia investigarmos pelas conversas? Diferente da conversa corriqueira, mas que também nos forma, na pesquisa educacional, a conversa deve possuir uma



## XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



intencionalidade investigativa. A intencionalidade investigativa diz dos objetivos do projeto de pesquisa, mas não apenas. Afinal de contas, mesmo anunciando o que queremos falar, estamos propensos ao inesperado da conversa. Ribeiro, Souza e Sampaio (2018) apontam que a conversa é acontecimento que borra o que é esperado, extrapola o pensado.

Assim, conversar enquanto pesquisamos é um convite ao encontro, à sensibilidade do outro. Tudo que conversamos tem a sua importância, seja um lembrete de atividade doméstica ou uma simples troca de palavras sobre algo do nosso cotidiano. Uma palavra sempre encontrará outra, e quando não, poderá encontrar o espaço-tempo para a escuta. Nesse espaço, que também é de compartilhamento, as palavras se renovam em seus significados e sentidos, temos a poesia como prova disso. É na escuta e na troca, que os sentimentos confluem, conseguimos perceber a forma das palavras, sua intensidade, seu peso, e porque não seus cheiros, sabores e cores.

A palavra na conversa é possibilidade de anunciação. A experiência do outro sempre será dele, mas quando invade o nosso ser, ela se acopla as nossas vivências, que poderão ser reposicionadas a partir do que nos toca. Assim, a conversa sempre será um convite a coletividade, ao espaço público que se soma com a privacidade de cada um. A experiência do outro quando lançada enquanto narrativa, faz com que eu, reflita junto: como essa experiência se aproxima do que eu pude viver em determinada situação? O que ela me leva a refletir? Como posso pensar os contextos de experimentação, a partir do que foi dito? Enfim, a conversa é uma porta aberta à formação, sempre junto, com o outro.

Perante a investigação científica, a conversa deve se apresentar intencional. Não conversaremos sobre qualquer coisa, mas deveremos ter ao menos uma **temática**, aquilo que queremos conversar. Assim, a partir da temática nos abriremos ao diálogo, à conversa. Livres, mas sempre visualizando a temática no horizonte. Ao pesquisador, a atenção se faz fundamental, principalmente, para a



## XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



não reprodução do que se tem como modo de ser. Logo, deixar um pouco de si, experiências e memórias, deve ser uma troca, ao mesmo tempo que pode ser um movimento para lembrar a temática da conversa. Mas, como uma boa conversa, ela pode ir chegar em outro lugar, e oferecer outros elementos para pensar as temáticas da investigação, afinal de contas, a centralidade dos sujeitos, é elemento central do fuxico narrativo. Pode ser que pareça algo solto, mas na verdade, já nos acostumamos com aquilo que nos prende e faz com que as coisas sejam naturalizadas, incluindo as relações na investigação científica.

Assim, a intencionalidade investigativa deve ser compartilhada desde o primeiro contato com as/os participantes da investigação, posicionando-se como um movimento de honestidade e objetividade, elementos fundamentais para a construção de uma relação possível à investigação. Essa relação é base para que a conversa ocorra, afinal de contas, sempre narramos algo importante, que possui as marcas das nossas experiências e vivências.

### Considerações finais

O fuxico narrativo é uma possibilidade para com as narrativas. A análise verticalizada e a hierarquização dos postos de pesquisador e participantes, precisam ser revistas. Hoje, o científico deve ser sensível, não sendo sinônimo de falta de rigor. A sensibilidade nos aproxima da subjetividade do outro, de suas experiências e memórias, que por sua vez, nos faz refletir sobre as nossas. Talvez, assim, podemos pensar na formação, na comunhão entre os homens, como anunciava Freire (2009).

A conversa é um meio e artefato metodológico possível, mas requer de nós responsabilidade. Não devemos jogar conversa fora, mas conversamos com interesse, dentro de uma intencionalidade investigativa. A conversa, sempre será desafiadora, afinal, estamos abertos ao outro, à sua subjetividade, percepções e trajetórias, e inevitavelmente, quando conversamos, também associamos o dito às



## XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



nossas experiências. Para além do desafio metodológico, a conversa nos convida a sair de um lugar já ocupado por dispositivos do fazer, ela nos convida ao compartilhamento, ao “apresentar um pouco de si”, se não voltaremos ao espaço da entrevista.

Por fim, que a conversa seja um lugar de encontro dos sujeitos, de suas experiências, memórias e narrativas. Que possamos também exercitar a escuta, ainda mais nos dias atuais, onde esse exercício foi se perdendo, por falta de tempo ou de paciência, influenciado pelo capitalismo e sua ligeireza para com a vida.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2.ed.; 1. reimp- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MARTINS, Maria Leda. **Performances do tempo Espiral**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro-RJ: Cobogó, 2021.

Meneghetti, Francis Kanashiro. O que é um Ensaio-Teórico? **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 320-332, mar./abr. 2011.

PRADO, Guilherme Do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura Angélica; SIMAS, Vanessa França. Fontes de informações, Registros investigativos e Modos de produção de conhecimento: uma compreensão da pesquisa narrativa articulada em três dimensões. **Revista de Educación**. Año XIII, n. 25, p. 101-118, 2022. Disponível em: [https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r\\_educ/article/view/5831](https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/5831). Acesso em: 03/03/2022.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO,



## XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espirais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas :: VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento :: I Jequiê Zumba :: Cantinho do Griô



Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** porque não? - Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. (Coleção Ciência e pesquisa em questão).

WALSH, Catherine. **Gritos, grietas y siembras de vida:** entretejer de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catharine (org.). Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)extir y (re)vivir. TOMO II. Ediciones Abya-Yala, 2017.